



A SIMPLES COMPLEXIDADE DE FERNANDO DUVAL

De uma despreziosa história sobre cachorros sintéticos ao mutante universo de Washavastahunn. A obra do artista vai do lúdico ao fantástico, em diversas expressões.

A arte de Fernando Duval é inconfundível e compreensível aos olhos de qualquer pessoa. A sua interpretação, no entanto, requer mais do que simples observação. É preciso ingressar no universo particular do artista, a partir dos textos que acompanham as telas em suas exposições mundo afora. Cada personagem tem uma história, e cada elemento, a sua razão de ser. Percebe-se, então, que além dos pincéis, ele é extraordinário também com as palavras. E não só pela criação literária que precede (ou sucede) suas pinturas; mas pelo vocabulário próprio, que, em breve, ganhará um dicionário, o Hesigual.

Curiosidade e diversão. É isso que Fernando Duval espera despertar em seu público. “Enfim, algo que possa provocar dúvidas na certeza e dar impressão de que tudo é aleatório, assim como a inutilidade de qualquer esforço”, complementa o artista gaúcho, natural de Pelotas, radicado no Rio de Janeiro. E utilizada as suas máximas “washianas” como argumento: “os portos se distanciam na medida em que os navios se aproximam”; “aquele que

“No Washavastahunn não existem governos como os nossos, as leis são aleatórias e as fronteiras dos países mudam conforme o passar das nuvens.”

FERNANDO DUVAL,
ARTISTA

“A PONTE NEGRA”, OBRA APRESENTADA NO VII SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA, EM 1958

espera, espera em vão”; “o simples se complica e o complicado se perde”; “somente o incompreensível é realmente profundo”. Essas expressões fazem parte do universo Washavastahunn, criado por ele como enredo para a maioria de suas obras — e que veio a se configurar um marco e um tema constante em sua trajetória. Antes disso, dedicava-se a desenhos e pinturas batizadas de “visões cósmicas”.

Tudo começou em 1958, na cidade do Rio de Janeiro, para onde se mudara com a família alguns anos antes. Aos 21 anos, participou do VII Salão Nacional de Arte Moderna, com a obra “A Ponte Negra”, estimulado por Ivan Serpa, seu professor no Curso de Pintura Livre no Museu de Arte Moderna. Porém, a criação da história dos “Cachorretes”, naquele mesmo ano, é que viria a determinar o seu futuro artístico. Eram primitivos esboços sobre cães sintéticos, escritos à máquina e ilustrados com desenhos em nanquim, apresentados apenas aos amigos mais próximos. “Mas como o simples se complica, tudo se complicou, transformando-se em personagens que foram incorporadas ao Washavastahunn em caráter próprio”, resume.



Foto: Antônio Xavier

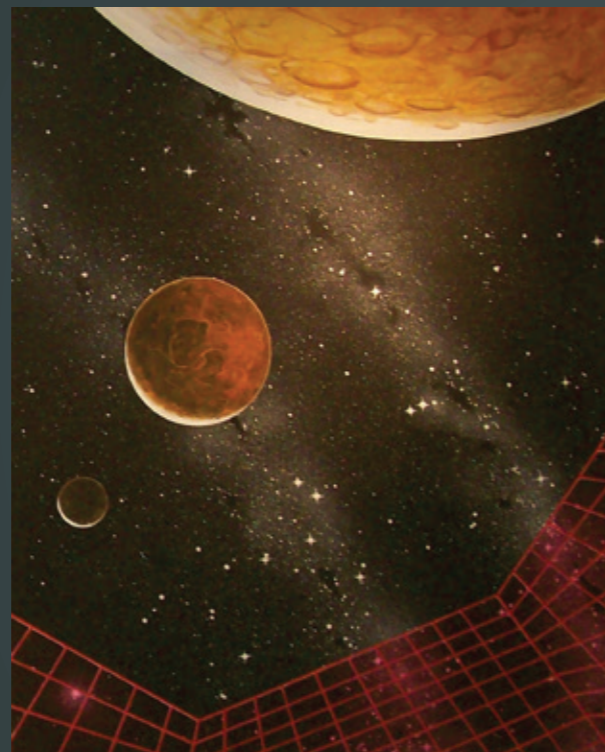


CAPA DO LIVRO "BIVAR", QUE MARCA A ESTREIA DE FERNANDO DUVAL NA LITERATURA

Esse universo tornou-se público somente em 1972, por incentivo de um crítico de arte, apresentado em uma exposição na capital carioca. De lá para cá, foram dezenas de exposições, nacionais e internacionais. Apenas em 2013, ele ingressou oficialmente na literatura, com o lançamento do livro "Bivar", recomendado pela curadoria da 9ª Bienal do Mercosul, da qual participou. Ambientada em Wasthavastahunn, a obra apresenta a saga de um professor na busca por um animal que nunca existiu, com textos e ilustrações do artista. Aos 78 anos, Fernando Duval mantém o espírito criativo, para fascínio de seus espectadores. "Talvez a minha maior inspiração seja observar o comportamento humano e perceber a total falta de sentido de certas atitudes e o caráter predador (salvo raras exceções) de nossos semelhantes", diz.



"CANTANTE PAOLI", UM DOS PERSONAGENS DO FANTÁSTICO UNIVERSO WASTHAVASTAHUNN



OBRA "ALINHAMENTO PLANETÁRIO". ANTES DA CRIAÇÃO DO MUNDO WASTHA, FERNANDO DUVAL PRODUZIA OBRAS BASEADAS EM "VISÕES CÔSMICAS"

Foto: Antônio Xavier

*Aprender com a história,
viver o presente e construir o futuro*

Eliane, a cerâmica do Brasil desde 1960



eliane 55 anos

MARCO NEVASKI